

Mito, linguagem e verdade na poesia encantada de João de Jesus Paes Loureiro

Taís Salbé Carvalho*

Mito, linguagem e verdade são questões originárias do humano, latejantes na poesia de João de Jesus Paes Loureiro, sobretudo na terceira fase da obra do poeta e professor paraense. O autor incorpora, tanto na prosa quanto na poesia, os costumes, os falares, os devaneios encantados pelos mitos amazônicos, traduzindo-os em linguagem poética, que convida o leitor ao questionamento de si como homem humano. Esse engajamento, ou “radicação”¹ poética, de Paes Loureiro e de sua obra à região amazônica se dá no vigor de incorporar a raiz da arte poética à entidade coletiva de sua região, mais especificamente, à cultura própria das populações ribeirinhas, originária de comunidades indígenas, que hoje se veem, forçosamente, desagregadas de seu *éthos*².

* Doutora em Estudos Literários do Instituto de Letras e Comunicação, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar Kairós – Estudos de Poética e Filosofia.

¹ Conceito cunhado por Mário de Andrade, que significa o ato de implantar a raiz da arte e da poesia na entidade coletiva nacional (Cf. “O movimento modernista”, conferência proferida por Mário de Andrade em abril de 1942).

² Para este ensaio, proponho pensar o *éthos* como abertura “a partir da qual a *phýsis* se destina no homem sempre como a livre possibilidade de realizar a existência do agir como manifestação da *phýsis/dzoé* em seu sentido” (Castro: verbete “Éthos”, 3). Assim como *logos* (linguagem) e *poiesis* (ação originária do ser), o *éthos* é uma dimensão do ser humano e, por isso, diferencia-se de todos os outros entes.

Para Benedito Nunes (2000), Paes Loureiro não se limita a recontar as lendas do imaginário amazônico. O que o poeta paraense faz é uma verdadeira encantaria da palavra, quando transporta o mito, como linguagem, para o poema, conduzindo-o à manifestação da verdade, como vigor da realidade, expondo “ambígua identidade dos mitos, entre ser e não ser, individualizados como personagens e existindo coletiva e difusamente, sob espécies nublosas do imaginário, que a criação poética rearticula” (Nunes *apud* Loureiro: 2000, 13). É o que podemos perceber no poema “A história luminosa e triste do Cobranorato”, presente no livro *As encantarias* (2000).

Na margem do rio nasci.
Cresci no fundo das águas.
Dormi no colo da Iara,
em seus palácios de algas.
Quando tremia de frio,
sem saber me consolar,
cobriam-me lençóis bordados
com estrelinhas do mar.
Procuro-me e não me encontro
rastejando-me por dentro.
Ofídio sou de desejos
e não tenho pensamento.
Minha existência é de ser
na existência dos outros,
pois existo tanto neles
que não existo por mim.

Por isso só sei quem sou,
sabendo de mim nos outros,
e neles vou conhecendo
o que sou sendo – não sendo

(Loureiro: 2000b, 56).

Ao nos entregarmos à escuta do poema acima, sussurra-nos o mito, personificado em cobra, ou seja, encantado, manifestando-se na e como linguagem, convidando-nos a pensar sua existência como ser que só é na existência de quem o lê, dialoga com ele. Mistério da palavra, o mito transporta-se pelo rio-linguagem e nos conduz a pensar em nossa própria existência como humano envolto e em diálogo com o real manifestando-se no acontecer apropriante da *phýsis*, que, segundo Heráclito, é o surgir incessante da realidade em seu esplendor e diversidade. Assim nos fala o pensador originário: “Em toda parte – para não se falar do aceno dos deuses – dá-se um vigor recíproco de todas as essências, e em tudo isso o aparecimento, no sentido de mostrar-se a partir de e dentro de si mesmo. Isso é a *phýsis*” (Heráclito *apud* Heidegger: 1998, 101).

Acerca da questão da linguagem como fala do sagrado do ser, Nunes (2000) acrescenta que, na *poíesis* de Paes Loureiro, essa questão

é confluyente ao tema do rio, ambos, por sua vez, desembocando no temário do tempo, a modo de uma meditação entrecortada, de porte ontológico, sobre o poético e o poema – e que podemos emparelhar com aquela sobre o mito (Nunes *apud* Loureiro: 2000, 18).

Para o poeta dos encantados,

Todo ser é linguagem.

Toda vida

procura

de velar a vela certa

verbo

em mar de texto incerto...

(Loureiro: 2000b, 197).

Sabermos-nos doação da linguagem, como entre-acontecer do real³ que nos coloca em verdadeira travessia de vida para o não conhecido de nós mesmos e, portanto, em procura incessante pelo nosso próprio, significa que cada ser humano encontrará, a seu modo, a melhor maneira de atravessar o rio de “texto incerto” a bordo do barco que lhe caiba e diante da “vela certa” que o conduza à aprendizagem apropriante de si:

³“Quando tomamos o real como tema algumas situações estranhas e complexas se nos apresentam. Se perguntamos: O que é o real?, o que esperamos dessa pergunta? Que o real caiba numa resposta, num conceito? E pode o real caber num conceito? Essa resposta, se fosse possível, estaria dentro de uma estranha realidade: o real precede e é posterior sempre a qualquer resposta e pergunta, muito mais a qualquer conceito ou conceitos. Não só a resposta seria o real e real, também a pergunta seria real e não só a resposta, e também seria real quem pergunta. O real nos cerca, nos envolve, nos projeta e nos impulsiona. Sentimos a sua presença, a sua pregnância, e muitas vezes até nos sentimos acudados pelo real. É quando ele nos aparece e se faz presente como algo insólito, angustiante, estranho. O estranhamento também é real. Outras vezes é o extraordinário. E então só nos resta a sensação de impotência e admiração do que nos é infinitamente inalcançável e maravilhoso, desafiante e, parece, sem sentido, um deserto sem face, sem princípio nem fim, sólido e inconsistente. Ou ainda a plenitude do nada” (Castro: verbete “Real”, 10).

a sua humanidade. Falar da linguagem é, desde sempre, fazer a experiência de ser como *poíesis* e *éthos* — ato ético —, ou seja, chegar a ser o que já somos, conduzindo-nos na e pela experiência do viver. Pensando essa experiência da linguagem no vigor de uma obra poética, temos que:

Uma obra literária chega-nos e faz-se real por meio da linguagem e da fala, mas o que entender sobre linguagem e fala? [...] linguagem não se resume a uma forma de comunicação, é mais, é algo que nos excede e do qual também somos doação. [...] linguagem é possibilidades que nos disponibilizam para que possamos dar sentido ao real. [...] a palavra linguagem, em sentido poético-ontológico, é a *phýsis* dando-se a ver, manifestando-se (Carvalho: 2017, 53).

É esse vigor poético da linguagem que vemos na obra de Paes Loureiro, quando o poeta nos presenteia com:

Estava o nome ali vestido de vogais
arcado de consoantes.
Duas sílabas querendo decidir o mundo
e dividir a vida em dois
– quem ama, quem não ama...
A palavra brotando como canto
no vale de um silêncio,
ou como o botão de flor de um ai! Numa garganta,
ou como a brusca insurreição de um coral de primaveras.

Passageiro desta barca da linguagem
devo guiar o nome que me guia.
Não é somente alguém a quem transporto
entre barrancos de som e de sentido.

A mim é que transporto no transporte
que na forma conduz a quem transporto
em sílabas que cantam.
Um ser em festa de ser,
um ser nas altas colinas do desejo.
Qual o destino
conduziu esse nome ao porto do poema?
Qual o mistério
o fez ficar de pé no tombadilho
de um verso heroico espumado contra as ondas?
Que pode um verso quando uma palavra
o cavalga, escoceia, flamba e ruma
sem buscar outra rima além de um leito,
sem cardar outro linho que o pentelho
que se entrança na racha que é seu reino?

(Loureiro: 2017, 175-6).

O poeta, refletindo acerca do agir poético, questiona a própria linguagem que se manifesta como poema-mito e re-coloca a questão sobre a quem deve transportar nesse rio-linguagem: sabendo que não deve ser apenas quem lê/ouve o mito personificado em palavra poética, mas ele mesmo, poeta, é passageiro “entre barrancos de som e sentido” da linguagem

presentificada no poema, rumando ao encontro do desconhecido de si, por “sílabas que cantam um ser em festa de ser. Um ser nas altas colinas do desejo” a lançar-se ao desconhecido, ao encontro do mistério que vigora entre ser e não ser.

Qual destino o poeta percorrerá através dos rios do encantado? Qual mistério vigora no mito que, no poema, se faz linguagem devaneante? Decifrar esse enigma requer disposição, ou seja, estar lançado em posição de procura de ser o que já desde sempre somos: o entre-acontecer-apropriante-do-ser.

Natureza mitomorfoseada em linguagem

Segundo Giambattista Vico (1993), a origem das histórias dos povos de qualquer nação é recheada pelo fabuloso, pela palavra cantada do sagrado do mito. De acordo com Braga (2010), o mito manifesta-se como a instauração originária de mundo em seu vigor telúrico, ou seja, uma reunião de compreensão na qual a plenitude do horizonte doa-se à criação encerrando-se na tradição. Nesse sentido,

cada corpo é acolhido dentro de um corpo da família, do grupo, um corpo social e sagrado que por sua vez é recolhido em sua totalidade, em cada um dos corpos de seus membros. Desta feita o mito, dispondo cada coisa em seu lugar, em que não são meras coisas, porquanto referenciadas no sentido, instaura mundo ao modo de uma corporeidade que acolhe corpos ao mesmo tempo que liberta diferentes corporeidades (Braga: 2010, 55-56).

Se pensarmos que a linguagem é questão prenhe pelo mito da palavra sagrada que possibilita o real, então podemos afirmar que todo mito é uma avalanche de linguagem e só por isso pode tornar-se corpo e acontecer como história. Para Emmanuel Carneiro Leão, o mito está sempre acenando para o mistério temporal da realidade — história em acontecimento. Portanto, é nascente inesgotável de consciência e inconsciência históricas. De acordo com o pensador, os mitos são inerentes ao ser, visto que são criações da própria experiência do humano. Diz Leão:

Pelo Mito, a sobrevivência se recolhe à densidade do verbo, em que se concentra toda a autoridade da história, a força criadora da Linguagem. *Para o Mito* converge a diversidade essencial das experiências do homem com a realidade. *Do Mito* corre hoje o sangue de ontem para um novo amanhã: possibilidades de vida e condições de herança para o advento de uma história sempre já vigente e sempre ainda por vir. *Com o Mito* nos chega “o amor ainda não aprendido, a dor não conhecida”, sabor deste mistério insondável da realidade na vida-morte. *Sem o Mito* nem a música da história ressoa nas festas nem a dança da capoeira ginga nas celebrações dos projetos (Leão: 2010, 42, grifos do autor).

Em tese de doutorado na qual pesquisa a cultura amazônica como poética do imaginário do homem em diálogo com a natureza que o cerca, Paes Loureiro nos diz que, na Amazônia, é possível perceber duas realidades ainda muito fortes: a da cidade

e a do interior (interpenetrantes entre si), esta caracterizada pela cultura ribeirinha, em que existe o predomínio da transmissão oralizada de valores refletindo a relação entre o homem e a natureza, que, imersa em uma atmosfera na qual há a presença do imaginário refletido nos mitos, no agir artístico e na visualidade característica de objetos utilitários — barcos, casas, utensílios domésticos —, dita o rumo do sentido poético da realidade.

Segundo Paes Loureiro (2000d), as circunstâncias de vida na Amazônia regulam relações peculiares entre o homem e o real, tanto no que tange à praticidade da produção, da circulação e do consumo, quanto em relação ao processo de transmissão cultural, predominantemente oralizado. O homem ribeirinho, por viver fora dos grandes centros urbanos, supre suas necessidades de consumo nos rios e na floresta que o cercam. Nesses dois ambientes, o tempo vigora de forma a criar condições para o pensamento em devaneio, o qual permite a interpenetração livre entre o real e o imaginário:

libertos do espaço pelas asas do imaginário, por meio do qual explicitam e submetem à sua medida a noção de espaço, os homens estabelecem em plenitude sua relação com o tempo. Sob a liberdade que o devaneio permite, o espaço é quase como que absorvido pelo tempo (Loureiro: 2000d, 59).

Destarte, percebemos que a cultura amazônica possui particularidades que a revelam grávida de natureza mítica, liberta em energia telúrica, a partir da qual tudo se cria com o

vigor originário da *phýsis*: o caboclo, os rios, as matas, os animais, os mitos, os deuses... Tudo é matéria vertente, fonte do imaginário amazônico, que se presentifica em ação de devaneio contemplativo do homem ribeirinho, um agir ativo, mas tranquilo do imaginário poético⁴ que

provoca a interpenetração entre as realidades do mundo físico e as do mundo surreal, criando uma zona difusa [em que] coabitando e convivendo, deparando-se com o surreal como contíguo à realidade, o homem amazônico navega culturalmente num mundo *sfumato* que funde os elementos do real e do irreal numa realidade única, na qual o poético vibra e envolve tudo em sua atmosfera [criando] uma cultura de grande beleza e sabedoria, transformando o habitat, onde desenvolve seu projeto pessoal e social de vida e sonho (Loureiro: 2000d, 42).

Presente na poesia de Paes Loureiro, esse *sfumato*⁵, imbricado ao mito e à realidade, possibilita a criação de uma poética do imaginário, um “lugar do silêncio ardente do pensamento, o lugar onde as palavras queimam como uma chama no escuro — o

⁴ Aqui, poético deve ser entendido como a incessante reinvenção do cotidiano, manifestando-se como linguagem; ação na qual o ser, se dando, sendo tempo, presentifica-se.

⁵ Conceito oriundo da teoria e prática artísticas de pintura de Leonardo da Vinci. A técnica de *sfumato*, palavra de origem italiana, cria uma espécie de zona indistinta, vaporosa e difusa, fundindo personagem e natureza, resultando numa imagem de transição do real para o poético.

em Maiandeuas
 onde o amor me perdeu
 e eu te perdi.

E a poesia, consorte, me chamando
 por todos os caminhos
 fidelíssima
 tecendo e destecendo minha vida.
 Essa uma, tecelã do raro,
 que em seu tear de metáforas bordara,
 meu destino, minha espada e minha lira...

(Loureiro: 2000b, 71).

Ao misturar imagens-questão⁶ como “espelho de memórias”; “fonemas submersos no silêncio”; “guardião do logos”; “Helenas, arcanjos e boiúnas”; “Circe”; “Maiandeuas”; “Essa uma, tecelã do raro”, Paes Loureiro dialoga tanto com a tradição grega quanto com a cultura amazônica, fazendo com que essas imagens-metáforas nos conduzam, pela fala do mito, à travessia pelo “espelho de memórias, caminho já por tanto navegado”, fazendo-nos “onda após onda, palavra após palavra” arriscar, “tecendo e destecendo” nossa vida, “submersos no silêncio”; fazendo-nos ir em busca de nosso destino, nossa espada e nossa lira, ou seja: nossa humanidade.

⁶ Para este ensaio, proponho pensar “imagem-questão” como aquela que tem a capacidade de mostrar o não visível do visível, que se manifestará, inauguralmente, como linguagem poética. Penso que a linguagem seja a única questão que consegue aproximar-se de tamanha riqueza das coisas se dando como realidade (Carvalho: 2017, 90).

É o próprio autor que alerta para o fato de que o imaginário amazônico tem vocação de, por meio das imagens-questão criadas pelo homem ribeirinho, conduzir a “uma permanente tentativa de compreender o homem, o amor, a vida, a morte, o trabalho e a natureza” (Loureiro: 2000d, 86). O homem amazônico convive com seus deuses e mitos, personificando e esclarecendo suas ideias acerca das coisas e do real e explicando também o que desconhece, por meio do imaginário. É a descoberta do mundo pelo estranhamento, a que se refere Paes Loureiro (2000d), que alimenta o desejo de conhecer e desvendar os mistérios da vida.

Na vida amazônica a mitologia reaparece como linguagem própria da fábula que flui como produto de uma faculdade natural, levada pelos sentidos, pela imaginação e pela descoberta das coisas. Nesse procedimento de uma verdadeira metafísica poética, o impossível torna-se possível, o incrível apresenta-se como crível, o sobrenatural resulta em natural (Loureiro: 2000d, 103).

Convido, portanto, o leitor a seguir junto comigo no pensamento de que, quando Paes Loureiro escolhe a palavra “fábula” para referir-se à mitologia amazônica que se manifesta como linguagem, o poeta não está aqui nos falando de algo fantasioso, irreal, fruto apenas da imaginação como ação contrária à realidade. Se pensarmos assim, estaremos negando toda a força criadora originária — *poíesis* — do homem amazônico.

O que o autor está dizendo é que, a partir desse estado de devaneio, que possibilita o surgimento dos mitos e lendas amazônicas, o homem cria sua própria realidade, presentificando-se nela e dialogando com ela, atravessando e sendo atravessado pelo rio-linguagem-mistério, indo em busca do seu próprio, do seu destino, correspondendo a esse destino e, por isso, tornando-se cada dia mais humano. Eis por que Paes Loureiro, no poema acima, nos fala: “Eis-me aqui diante deste rio/ guardião do logos/ logo pescador,/ dissolvendo-me no limo das palavras”.

Por conseguinte, para compreendermos o que se manifesta como *éthos* amazônico e a experiência humana nele acumulada — ou seja, o diálogo entre homem e o real —, devemos levar em conta o imaginário poético como criação inaugural do real, este esfumado, no qual homem, mito e realidade misturam-se em uma imagem só, desvelando a verdade (*alétheia*), ou seja, experienciando a realidade como linguagem: “Na realidade amazônica o mundo físico tem limites *sfumatos*, fundidos ou confundidos com o supra-real, daí porque nela homens e deuses caminham juntos pela floresta e juntos navegam sobre os rios” (Loureiro: 2000d, 86).

Dentro desse cenário do imaginário em devaneio, nascem as lendas e os mitos, como a do Curupira, a da Lara, a do Boto etc. Este último, o “nome-*fálus*”, símbolo da fecundidade da natureza em seu vigor inaugural. O Encantado, morador das profundezas do rio e que aparece na superfície para seduzir as moças-cunhãs, é uma das encantarias cantadas, celebradas como criação originária da e pela linguagem que, desvelando-se e velando-se no mistério do sagrado do mito, manifesta-se como verdade na poesia de Paes Loureiro.

Criação pela palavra: canto em exaltação ao boto

“É no celebrar tua glória que nós,
os poetas, iniciamos e fundamos
a sucessão de nossos cantos.”

Homero

“É o Boto que celebro”. Com esse verso, Paes Loureiro inicia seu canto em celebração ao encantado mitomorfosoado em uma mistura de homem e animal, “expansão de uma espécie de êxtase dionisíaco, que deixa as mulheres fora de si” (Loureiro: 2000d, 200). Segundo a lenda, o Boto pode surgir em algum lugarejo amazônico, no meio de uma festa, todo vestido de branco, entrando sem se fazer perceber e sem ser convidado por ninguém. É, segundo o poema “Hino Dionisíaco ao Boto”,

O Boto de roupas brancas filho das águas e do luar.
Ele que um dia surgiu tal resplendor de um sol
no diadema da noite.
Luz no fundo túnel do desejo.
O rio cedeu espumas para que a lua
em seu tear tecesse a sua vestimenta.
Alvura, brancura, claridade.

(Loureiro: 2017, 175–82)

Apresentado como o filho das águas e do luar que surge do resplandecer do sol e do diadema da noite, o poeta nos revela que

a figura do mito nasce dos rios moventes da linguagem telúrica da criação, origina-se da noite, da dobra do tempo, cheia de mistérios e fecunda de renovação — re-criação. O Boto, filho do dia e da noite, é o senhor dos mistérios da vida. “Luz do fundo túnel do desejo” mais original do homem: o de se saber, o de se procurar como humano frente ao mundo que se destina a ele. Esse desejo vem das entranhas do homem, dos lugares mais esfumaçados do seu ser, e conduz à procura ininterrupta e incessante por sua humanidade.

O mito do Boto manifesta-se como linguagem poética, nascendo e re-nascendo em possibilidades de vir-a-ser como linguagem desvelante:

Oh! Boto,
encantamento soprado em duas sílabas.
Esse nome despontou um dia
por sobre os promontórios da linguagem,
na crispação dos fonemas
atormentados em busca de sentido.
(Quem saberá dos peraus
onde renasce
O verbo inicial em cada nome?)

Estava o nome ali vestido de vogais
arcado de consoantes.
Duas sílabas querendo decidir o mundo
e dividir a vida em dois
– quem ama, quem não ama...

(Loureiro: 2017, 175–82)

Aqui, o poema revela o amor do humano por ele mesmo como entre-acontecer-do-real que habita o solo da linguagem — mistério das possibilidades de manifestação de mundo. Esse amor que “brota como canto [inaugural] no vale do silêncio” é *Eros*, o amor originário do ser que se lança à cura pela travessia-mítica em busca de destinar-se como homem humano.

A palavra brotando como canto
no vale de um silêncio,
ou como o botão de flor de um ai! Numa garganta,
ou como a brusca insurreição de um coral de primaveras.

(Loureiro: 2017, 175–82)

O poeta, então, passa a se questionar e a re-colocar a questão acerca do seu agir poético. Será esse poeta apenas passageiro, aquele que dá/cede passagem ao poético do ser, doando-se à escuta da linguagem e, portanto, criando a imagem inaugural da realidade em forma de poema? Ou é, além de passageiro, guia, pela doação ao sagrado do mito, transportando e transportando-se pelo rio-linguagem da palavra?

Passageiro desta barca da linguagem
devo guiar o nome que me guia.
Não é somente alguém a quem transporto
entre barrancos de som e de sentido.
A mim é que transporto no transporte
que na forma conduz a quem transporto
em sílabas que cantam.

(Loureiro: 2017, 175–82)

Podemos perceber que, pelo movimento de pró-cura, aquele lançado à cura pelo questionar que habita a linguagem, o poema nos convida a nos pensar como

Um ser em festa de ser,
um ser nas altas colinas do desejo.
Qual o destino
conduziu esse nome ao porto do poema?

(Loureiro: 2017, 175-82)

Um ser atirado ao abismo do desconhecido do que é, mas que passou a se procurar por entre as correntezas do rio do não saber, sendo e não sendo, mas se destinando como entre-ser, aquele que lançado “contra as ondas” não mais retorna à escuridão de uma vida apenas vivida, mas a experiência pela ação do questionar.

Qual o mistério
o fez ficar de pé no tombadilho
de um verso heroico espumado contra as ondas?

(Loureiro: 2017, p. 175-82)

Portanto, o poeta pergunta à linguagem, que excede, transcende qualquer poema, visto que é mais: linguagem é o ser que não se esgota em palavras e, por isso, faz-se morada da palavra sagrada do mito que explode em mistério, pois, ao desvelar-se, vela-se em seu ser:

Que pode um verso quando uma palavra
o cavalga, escoceia, flamba e ruma

sem buscar outra rima além de um leito,
sem cardar outro linho que o pentelho
que se entrança na racha que é seu reino?

(Loureiro: 2017, 175–82)

Paes Loureiro saúda o Boto como aquele que nos revela o período de renovação da vida ao nos doarmos ao universo encantado do mito como linguagem criadora, a qual manifesta seu poder na palavra escrita do poema. O poeta canta:

Oh! Monarca de menarcas,
grão-senhor do rio dos encantados,
comandante investido no poema.
Tu que és sempre um salto
no abismo da paixão de ser,
serás um deus
ou modelagem humana de desejo?

(Loureiro: 2017, 175–82)

O Boto, personificado em homem, vem nos mostrar, na e pela linguagem, o caminho da procura, deflagrando o quanto esse caminhar não é nem linear, nem finito, nem excludente, nem estático, mas, e sobretudo, circular, infinito, inclusivo e dinâmico. Ou seja, para navegar por entre os mistérios do ser, é preciso habitar os princípios da própria *phýsis*, esta como morada do *logos*⁷.

⁷ Para um estudo mais aprofundado acerca da questão do *logos*, conferir o *Dicionário de poética e pensamento*, coordenado pelo Prof. Emérito do Departamento de Ciência da Literatura da UFRJ, Manuel Antônio de Castro. Disponível em: <http://www.dicpoetica.letas.ufrj.br/index.php/Logos>.

Tu que aos homens te assemelhas
 para ser dessemelhante dentre os homens.
 Deflagrador de tempestades de contrários,
 solitário imperador dos impérios
 cultivados na várzea do poema.

(Loureiro: 2017, 175–82)

É possível observar nesse poema que o poeta se doa à criação pela palavra. Envolto na e pela escuta da linguagem, oferece-se como instrumento da mito-morfose se dando como palavra em-cantada.

Em tempo mitomorfo navegando
 ergo as velas verbais da alegoria
 no desfraldar bandeiras e metáforas
 diante do prodígio de vocábulos
 que saem do dicionário
 transbordados de som e de sentido,
 entre espumantes vinhos são levados
 aos lábios de cantares e dos hinos,
 ou como rimas e louros consagrados
 a coroar a frente de uma estrofe.
 Se eram palavras comuns, tornam-se raras;
 já não querem dizer, querem cantar;
 mas além de cantar, querem dançar;
 e, muito além de dançar,
 elas se querem ser outras palavras
 que não sejam somente o que elas são

ora ser e não-ser
vital e luz
ungidas nesse próximo distante
das catedrais verbais do imaginário.

(Loureiro: 2017, 175-82)

O poeta desvela a linguagem em forma de palavra poética que se vela, criando imagens-questão, aproximando o mito do homem. Ao escutarmos o poema, percebemos que, quanto mais nos aproximamos do enigma do mito, quanto mais tentamos decifrá-lo, mais mergulhamos fundo no rio-*sfumato* da linguagem que torna a doar-se em mistério e verdade.

O Boto, cantado por Paes Loureiro, nome-*fálus* da fecundidade inaugural do mundo, cativa e é cativo ao encantamento da pró-cura que leva o homem ao encontro de *Eros*, que “como essência do agir é total e completa energia de realização, é luz irradiante em contínuo acontecer” (Castro: verbete “Eros”, 1).

Eu te saúdo nome-*fálus*
como encantado que és
e te celebro
neste cantar que te mantém cativo
do mesmo encantamento que te cativas.
Tu que meu canto acorda em leito de morfemas
e te ergue pelas mãos de um verso heroico,
desde a pátria de hexâmetros de Homero
até as encantarias deste poema...

(Loureiro: 2017, 175-82)

Boto que, como mito originário do ser, conduz os mortais ao “leve salto no abismo da paixão humana” e é sempre esperado pelos “olhares que te procuram”, pois há muito é cantado em mistério e procura, “sob o silêncio cúmplice de águas e florestas”, é esperado com ardor pela cunhã, símbolo da natividade da vida ribeirinha,

Que espera desde sempre tua chegada
 E, para sempre, se parte em tua partida...
 Antes da chuva te espera e após a chuva,
 lambida de suor ela te espera
 espera pelas mãos do novenário
 e noite adentro espera dias afora
 envolta em solidão espera e espera
 pelas frestas abertas de um desejo
 espera nas insônias insaciadas
 na timidez da espera
 na embriaguez do devaneio espera
 por teu ser de longa espera e breve instante.

(Loureiro: 2017, 175–82)

A encantaria da palavra feita mito pela imagem do Boto é que se manifesta como o grande esperado a que se refere Paes Loureiro. É pela linguagem que o humano habita a espera do inesperado entre ser e não ser. Por isso, ela se faz, como mito, o “Cavaleiro do vale entreaberto em coxas no horizonte de algum ventre, personagem das mil e uma noites” que nunca têm fim, visto que a procura jamais se findará, portanto, “que a eterna espera faz teu ser eterno”.

“Filho de Dionísio, neto de Selene”, o Boto personifica-se como o “Errante cavaleiro do sagrado, instalado em palavra que te instala como tronco submerso em rio de encantarias”. Ou seja, o mito habita e vigora o *logos* como reunião de possibilidades de o humano vir-a-ser homem humano. O mito, instalado na linguagem, é

palavra-ser, palavra que é, palavra corpo-e-alma
palavra erotizada que te funda
já que em teu nome és isso que és.
E se a linguagem não se faz poema
teu nome nascituro, morituro nome
resta inerte, imóvel, inútil numa dúvida.
(Loureiro: 2017, 175–82)

Portanto, o mito habita e é habitado na linguagem, cheia de mistérios entre desvelar e velar da *phýsis*:

Oh! Tu, ora instalado na palavra
entre nós habitando no poema,
morador que também é sua morada
onde tudo o que é se faz em sendo.
Oh! Tu, que de poesia a terra habitas
seja exilado nas ilhas de um poema
ou nas areias sem fim de maiandeuas,
esse teu ser de silêncios e de ausências
é na palavra que instaura tua vida.
Tu vives na palavra de uma espera
ou na palavra da ausência

e na presença
de rosnares de orgasmos numa alcova.

(Loureiro: 2017, 175–82)

E possibilita o regozijo do amor acontecendo como linguagem, quando exaltada no poema:

Oh! Palavra em festa na linguagem,
essência de alegria, gozo, canto,
existência do ser sendo prazer.
Teu reino não se nutre de conquistas
nem ouros
nem tesouros.
Teu reino é o dos fonemas
onde habitas e danças
rejubilas
e morres sem morrer
pois ressuscitas
cada vez que um relato te relata
ou que suspira em sílabas de espera
a cunhã que na rede te soletra.
Entrelaçado efêmero no eterno.

Divindade recolhida na palavra.
Palavra-templo que te abriga e de onde
errante sacerdote de Dioniso
vagas nas margens dos rios e do desejo
polinizado nos lábios que te chamam

Teu nome vela o ser e o ser desvela
na suprema solidão de seu destino
e brota como um peixe à flor das águas
desse rio de desejo submerso
na fêmea que te sonha ou que te fala.
Em sílabas teu ser se faz eterno
enquanto és o desejo de um desejo,
a espera de uma espera de uma espera.
Tu és pelo que és e o que não és.
Teu leito já não é praia ou canoa,
mas a página onde a lua espelho espelha
na encantaria da linguagem que é a poesia.

(Loureiro: 2017, 175–82)

Ao cantar o mito da encantaria inaugural do mundo na imagem do Boto, Paes Loureiro o eleva à linguagem sagrada que embriaga e conduz à procura do ser de si mesmo pelo rio do devaneio, do imaginário dos mitos e das lendas amazônicas. O poeta convida-nos, a todo momento, por entre sua poética, a pensar a linguagem como templo do mistério do ser, na qual devemos nos abrigar para que possamos nos lançar em profunda e radical travessia pelo rio esfumado de nós mesmos. E o poeta o faz, exaltando a Linguagem como única morada do Mito que se faz em Verdade.

Considerações finais

É, portanto, uma poética que acontece em total liberdade de pensamento, entretanto, em diálogo com o imaginário ama-

zônico submerso nos rios e oriundos das florestas da região, “onde habitam os encantados, os deuses da teogonia cabocla” – e a atmosfera universal que impregna toda poesia como linguagem. Dessa maneira, a poesia de João de Jesus Paes Loureiro possui vigor poético dos mais salutareos para a literatura brasileira, visto que cria uma poética que se revela em si mesma pelos mitos amazônicos e, a partir disso, propõe uma procura pelo próprio do humano.

A poesia de Paes Loureiro cria um cosmos ético-mítico-poético quando possibilita, pela linguagem, a criação de mundo originada da relação do homem amazônico com a natureza. Na paisagem amazônica criada pelo poeta, a natureza devora o homem, produzindo uma imagem personificada no real. Logo, podemos observar que a *poética do imaginário* proposta pelo autor desvenda a relação entre o real e o imaginário devaneante, para a qual o mais importante é o “e”, o entre, o esfumado que conduz à linguagem como acontecer apropriante pela palavra. Por fim, chegamos à conclusão de que a poética criada pelo poeta contribui para o conhecimento como revelação em imagens-questões do humano, possibilitando que este se reconheça como entre-acontecer do real que, atravessando o rio-mítico da linguagem, vai desvelando-se em mistério de aprendizagem poética.

Referências

- ANAXIMANDRO. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.
- ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista”. In: *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974, pp. 231-55.
- BRAGA, Diego. “A terceira margem do mito: hermenêutica da corporeidade”. *Terceira margem*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ, Ano XIV, n. 22, pp. 51-64, jan.-jun, 2010.
- CARVALHO, Taís Salbé. *O pacto da escuta em Grande Ser-Tão: Veredas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2017, v. 9. Coleção Pensamento Poético.
- CASTRO, Manuel Antônio de. *Dicionário de poética e pensamento*. Disponível em: <<http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br>>.
- _____. *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- _____. *A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Filosofia grega: uma introdução*. Teresópolis: Daimon Editora, 2010.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Obras reunidas*. Vol. 1. São

- Paulo: Escrituras Editora, 2000a.
- _____. *Obras reunidas*. Vol. 2. São Paulo: Escrituras Editora, 2000b.
- _____. *Obras reunidas*. Vol. 3. São Paulo: Escrituras Editora, 2000c.
- _____. *Obras reunidas*. Vol. 4. São Paulo: Escrituras Editora, 2000d.
- _____. *Encantarias da palavra*. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará. 2017.
- NUNES, Benedito. “O nativismo de Paes Loureiro” In: *Obras reunidas*. Vol. 1. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- VICO, Giambattista. *La Science Nouvelle*. Tradução de Christiane Trivulzio. Paris: Gallimard, 1993.

Resumo

O presente trabalho aborda o mito, a linguagem e a verdade como questões originárias do humano, na poesia de João de Jesus Paes Loureiro. A partir do exercício de escuta crítica dos poemas escolhidos, percebemos que o poeta incorpora em sua obra costumes, falares, devaneios encantados pelos mitos amazônicos, traduzindo-os em linguagem poética que convida o leitor ao questionamento de si como homem humano. Esse engajamento, ou “radicação” poética, se dá no vigor de incorporar a raiz da arte poética à entidade coletiva de sua região, a Amazônia, mais especificamente, à cultura própria das populações ribeirinhas, originária de comunidades indígenas. Para tal exercício, dialogamos com autores que trazem luz a essas questões, como Braga (2010); Carvalho (2017); Castro (2011); Heidegger (1998, 2012), Leão (2010) e Nunes (2000). Concluimos que a poética de Paes Loureiro acontece em total liberdade de pensamento, convocando-nos a pensar a linguagem como templo do mistério do ser, onde devemos nos abrigar para que possamos nos lançar em travessia pelo rio esfumado de nós mesmos. E o poeta o faz, exaltando a Linguagem como única morada do Mito que se faz em Verdade.

Palavras-chave: mito; linguagem; verdade; poética amazônica; Paes Loureiro.

Abstract

This work addresses myth and language, as issues originating from the human, in João de Jesus Paes Loureiro’ poetry. From the critical listening exercise of some chosen poems, we demonstrate that the poet incorporates habits, speeches, daydreams enchanted by Amazonian myths, translating them into poetic language that invites the reader to question himself as human. This engagement, or poetic “rooting”, takes place in force as it incorporates the root of poetic art to the collective entity of

its region, the Amazon, more specifically, to the culture of the riverside populations, originally from indigenous communities. To develop our investigation, we sought the support of authors who shed light on these issues, such as Braga (2010); Carvalho (2017); Castro (2011); Heidegger (1998, 2012), Leão (2010), and Nunes (2000). We conclude, therefore, that Paes Loureiro's poetics takes place in total freedom of thought, inviting us to think of language as a temple of the mystery of being, where we must shelter so that we can launch ourselves across the smoky river of ourselves. And the poet does so, extolling Language as the only dwelling of the Myth that takes places as Truth.

Keywords: myth; language; truth; amazonian poetics; Paes Loureiro.

Recebido em 29 de outubro de 2021.

Aceito em 27 de março de 2022.